



A Utopia e a Imaginação Social Nordestina no Cordel “Viagem à São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos

Utopia and the Northeastern Social Imagination in the Cordel “Viagem à São Saruê,” by Manuel Camilo dos Santos

Guilherme Leite Arruda

Graduado em Língua Portuguesa pela UFCG. Esp. em Língua Portuguesa e Literatura.

Antonio Freitas Araújo Filho

Graduado em Matemática pela UFCG. Me. em Matemática, na área de Análise.

Resumo: Este estudo analisa o cordel “Viagem a São Saruê” (1956), de Manuel Camilo dos Santos, a partir da teoria literária da utopia, buscando compreender como a construção poética do espaço ideal dialoga com as carências históricas e sociais do povo nordestino. A pesquisa é de natureza bibliográfica, exploratória e qualitativa, fundamentando-se em autores que discutem a literatura de cordel e a tradição utópica, tais como Funck (1993), Nunes (2014), Gomes e Bezerra (2014), Obeid (2009) e Silva (2008). Demonstramos que o cordel ultrapassa o mero caráter fantasioso e configura-se como instrumento crítico, ao idealizar um lugar de abundância e justiça em contraste com a realidade social do sertão. Concluimos que a obra se insere na tradição utópica ocidental, ao mesmo tempo em que a ressignifica sob uma perspectiva regional, popular e nordestina, reafirmando a potência estética e reflexiva da literatura de cordel.

Palavras-chave: literatura; cordel; utopia.

Abstract: This article analyzes the cordel “Viagem a São Saruê” (1956) by Manuel Camilo dos Santos through the lens of the literary theory of utopia, seeking to understand how the poetic construction of an ideal space dialogues with the historical and social deprivations of the people from the Brazilian Northeast. The research is of a bibliographic, exploratory, and qualitative nature, grounded in authors who discuss cordel literature and the utopian tradition, such as Funck (1993), Nunes (2014), Gomes and Bezerra (2014), Obeid (2009), and Silva (2008). We demonstrate that the cordel transcends mere fantasy and serves as a critical instrument by idealizing a place of abundance and justice in contrast to the social reality of the sertão. We conclude that the work fits into the Western utopian tradition, while simultaneously resignifying it from a regional, popular, and Northeastern perspective, thereby reaffirming the aesthetic and reflective power of cordel literature.

Keywords: literature; cordel; utopia.

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel ocupa um lugar significativo no cenário cultural nordestino e brasileiro. Durante muito tempo considerada apenas manifestação popular de caráter folclórico, hoje é reconhecida como produção literária dotada de complexidade estética e densidade crítica. Nesse contexto, o cordel “Viagem a São Saruê”, publicado em 1956 por Manuel Camilo dos Santos, apresenta-se como

uma das obras mais representativas do gênero, sobretudo por articular imaginação poética e crítica social por meio da construção de um espaço idealizado e utópico. Partimos da compreensão de que a utopia, enquanto categoria literária, constitui-se como narrativa que descreve um “não-lugar” (ou+topos), isto é, um espaço inexistente no plano concreto, mas profundamente significativo no plano simbólico. Conforme destaca a tradição inaugurada por Thomas More (1516), a utopia funciona como espelho crítico da realidade histórica, revelando suas contradições por meio da idealização de uma sociedade perfeita. Nesse sentido, este estudo busca analisar de que maneira o cordel em questão se insere nessa tradição, evidenciando como o cordel “Viagem à São Saruê” ultrapassa o campo estético e puramente literário e se configura como percurso simbólico de crítica social. Entendemos que o texto dialoga com anseios antigos da humanidade — justiça, abundância, harmonia — ao mesmo tempo em que traduz tais ideais para o contexto específico do Nordeste brasileiro. A metodologia adotada é bibliográfica e interpretativa, fundamentando-se em teóricos da literatura utópica e estudiosos do cordel. O objetivo central consiste em demonstrar que a obra de Manuel Camilo dos Santos articula tradição popular e reflexão crítica, consolidando-se como exemplo significativo de narrativa utópica na literatura brasileira.

PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA DE CORDEL

A tradição da Literatura de Cordel dialoga com influências históricas distantes, estabelecendo paralelos com importantes registros da cultura ocidental. É possível aproximá-la tanto de textos bíblicos clássicos, a exemplo dos Salmos, quanto de produções poéticas populares do Renascimento, como os sonetos, devido à intrínseca musicalidade que perpassa essas obras. Essa intersecção se justifica pela natureza performática dessas expressões: assim como os Salmos são tradicionalmente entoados, a estrutura métrica e poética do cordel também fundamenta manifestações sonoras como a cantoria de viola, a embolada e o repente. Sob essa ótica, a transposição de um texto cordelista para o formato musical é um processo orgânico, abarcando ritmo, melodia e harmonia. Tais princípios configuram a linguagem universal da música e encontram sua representação gráfica nas partituras. Por meio desse sistema de notação, é possível registrar a harmonia (sobreposição de sons simultâneos que embasam a composição), a melodia (sucessão de sons organizados em intervalos) e o ritmo (dinâmica temporal das durações sonoras e pausas), elementos indispensáveis para a estruturação musical em sua essência (Leite, 2023).

Todas as características e princípios da música podem ser atribuídos ao cordel, sendo possível entoar, recitar e até cantar um texto de cordel, encaixando perfeitamente critérios musicais como ritmo, compasso e, se necessário, até melodia e harmonia. Um grande exemplo dessa fusão é a embolada, que mistura elementos musicais e estruturas usadas em cordéis, como a sextilha (seis versos de sete sílabas poéticas) e a septilha ou setilha (sete versos de sete sílabas poéticas). Um exemplo dessa aplicação é na música Matuto no Forró, da dupla Caju e Castanha, como vemos a seguir:

Eu/ fui/ nas/ci/do e/ cri/a/do X
 Lá/ pras/ ban/das/ do/ ser/tão/ A
 U/san/do/ blu/sa/ de/ mei/a X
 Ma/tu/to/, de// pé/ no/ chão/ A
 Só/ tra/ba/lha/va/ na/ ser/ra B
 Por/que/ lá/ na/ min/há/ ter/ra B
 Não/ tin/há/ po/lu/i/ção/ A

O/ meu/ pa/i e/ra/ ma/tu/to X
 An/da/va/ to/do em/ver/ga/do A
 U/sa/va um/ cha/péu/ de/ cou/ro X
 Não/ na/da/va/ preo/cu/pa/do A
 Quan/do/ vi/a um/ ca/min/hão/ B
 Bo/ta/va o/ cha/péu/ na/ mão/ B
 E/ cor/ria/ de/sem/bes/ta/do A

Agora vamos analisar um trecho do cordel “A Chegada de Lampião no Inferno” do autor José Pacheco e analisar a estrutura:

Um/ ca/bra/ de/ Lam/pi/ão/ X
 Por/ no/me/ Pi/lão/ Dei/ta/do A
 Que/ mor/reu/ nu/ma/ trin/chei/ra X
 Em/ cer/to/ tem/po/ pas/sa/do A
 A/go/ra/ pe/lo/ ser/tão/ B
 Vi/ve/ cor/ren/do/ vi/são/ B
 Fa/zen/do/ mal/ as/som/bra/do A

Percebemos que ambas as obras seguem a mesma estrutura citada. Elas compartilham toda a questão métrica. Ambas as estrofes são septilhas (setilhas), apresentam sete versos com sete sílabas poéticas em cada um, e tem um esquema de rimas X,A,X,A,B,B,A.

A maior parte dos poemas é composta por estrofes de seis versos de sete sílabas métricas, ou, para falar tecnicamente, por sextilhas com versos setissílabos (ou redondilha maior). São comuns também as estrofes com sete versos (septilhas) de sete sílabas. [...] As regras exigidas para composição de um bom poema não param aí. É preciso também saber fazer boas rimas. Quando se fizerem sextilhas, o segundo, o quarto e o sexto versos deverão rimar, ficando livres os demais. No caso das estrofes de sete versos o esquema é mais complicado: haverá uma rima no segundo, quarto e sétimo versos, e outra no quinto e sexto versos. [...] Além de haver uma semelhança sonora, como em toda rima, as palavras rimadas devem manter uma relação de sentido (Abreu, 2006, p. 66 e 68, respectivamente).

Tratando-se das capas dos cordéis, temos a maioria produzida em forma de xilogravura, que é uma arte feita em uma peça de madeira, talhada por um xilógrafo que, em seguida, recebe uma pintura para servir como molde. Etimologicamente, a palavra “xilogravura” tem origem no grego antigo: *xylon* (madeira) + *graphein* (gravar). Significa “uma gravura em madeira”. Atualmente, também temos as versões digitais feitas em computador, ou até desenhadas pelos artistas. Vamos ver um exemplo de xilogravura abaixo:



Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/09/4951730-mistura-entre-popular-e-erudito-e-marca-de-xilogravuras-de-valderio-costa.html#google_vignette. Acesso em: 28 de maio de 2025.

Em relação ao surgimento da Literatura de cordel, os indícios é de que ela surge em Portugal e foi trazida para o Brasil no período da colonização portuguesa, sendo trazido como influência desses povos. Porém, o cordel como conhecemos hoje só foi possível graças ao Leandro Gomes de Barros (1865-1918), um paraibano que nasceu na região de Pombal – Paraíba. Ele era considerado o pai da literatura de cordel.

A segunda ideia, é de que esse tipo de texto surgiu na região nordeste do Brasil, especificamente na Paraíba, com o autor Leandro Gomes de Barros (1865-1918), que é considerado o “pai da literatura de cordel”, por ter publicado os primeiros versos, popularizando o cordel em todo o Nordeste, principalmente. Imagina-se que, mesmo tendo uma influência europeia, ele criou um estilo totalmente nosso, tanto pelas estruturas usadas quanto pelas temáticas trabalhadas. Leandro Gomes de Barros se destacou pela sua genialidade e qualidade das suas obras (Leite, 2023, p. 20).

Só viria a se servir dos tipos móveis quando o poeta Leandro Gomes de Barros mudou-se da Vila do Teixeira, na Paraíba, para Vitória de Santo Antão (PE), e passou a editar os primeiros folhetos nas tipografias de Recife. Leandro não se limitou a reaproveitar os temas correntes, oriundos do romanceiro

medieval e dos ABCs manuscritos compostos em quadra, que já circulavam aos montes pelo Nordeste narrando a gesta do boi e do cangaceiro. Ele foi mais longe. Criou um tipo de poesia cem por cento brasileira, versejou em diversas modalidades (sextilha, setilha e martelo), utilizando a redondilha menor (versos de cinco sílabas), a redondilha maior (sete sílabas) e o decassílabo. Em sua vasta produção, orçada em torno de mil poemas publicados em mais de seiscentos folhetos, destacou-se, sobretudo, pela qualidade de sua poesia e por sua sátira mordaz e instigante (Viana, 2010, p. 27).

A UTOPIA E “VIAGEM A SÃO SARUÊ”

A palavra e o termo literário “utopia” teve origem na obra *Utopia* (1516), d inglês Thomas More. Em teoria, a utopia seria uma realidade “perfeita”, em que o benefício coletivo é sempre respeitado. Todas as pessoas e seres convivem sem nenhum tipo de problema político, social ou econômico, não existem doenças e os recursos são infinitos.

Termo criado por More, na sua etimologia, a palavra utopia é formada por eu=bom + topia: lugar = (lugar bom); e ou: não + topia: lugar = (“não lugar” ou nenhum lugar). Assim, a definição de utopia designa um lugar ou estado ideal caracterizado pela plena felicidade e harmonia entre os indivíduos. Este texto ficcional apresenta-se como uma espécie de tratado filosófico que critica os problemas sociais e políticos da Inglaterra daquele tempo. Assim surgiu a materialização de um ideal de um mundo perfeito, que aparece nas mais variadas culturas ao longo do tempo (Leite, 2023, p. 22).

A utopia, desde sua formulação clássica, configura-se como narrativa que descreve uma sociedade ideal. Funck (1993) destaca que a utopia não deve ser entendida como simples fantasia, mas como instrumento de reflexão histórica. No caso do cordel “Viagem a São Saruê”, a idealização de um espaço onde não há sofrimento, escassez ou injustiça revela um contraste direto com a realidade sertaneja marcada por desigualdades e privações. Assim, a utopia assume função compensatória e crítica. Ao projetar um mundo perfeito, o texto evidencia as falhas do mundo real, nos convidando a uma reflexão sobre a realidade existente.

Funck (1993, p. 37) descreve que:

A figura utópica, geralmente uma ilha, era apresentada como epítome da perfeição, tornando-se desta forma um instrumento de crítica às instituições existentes no mundo real e permitindo que o/a leitor/a, ao escapar para um mundo fictício, se distanciasse dos problemas enfrentados no dia-a-dia.

A Obra e o Autor: Perspectivas Utópicas do Sertão Nordestino

Manuel Camilo dos Santos (1905–1987) destaca-se como um dos grandes nomes do cordel paraibano. Ele nasceu em Guarabira – PB, em 09 de junho de

1905, e faleceu em Campina Grande – PB, em 08 de abril de 1987. Além de poeta, ele foi repentista, violeiro e comerciante. Além de escrever, ele também tinha uma imensa facilidade em criar e produzir, pois era repentista e músico, conseguindo criar instantaneamente os textos poéticos. Além disso, ele dialogava e convivia com vários outros poetas e intelectuais da época.

Manoel Camilo dialogou com intelectuais da literatura cordelista, dialogou com cantadores como Manoel Caetano, Zé Nogueira, entre outros, teve diversas leituras que formaram sua fala e sua forma de escrever cordéis, como a Bíblia, mitos antigos, geografia brasileira, etc. Essas e outras leituras de vida possibilitaram a organização do espaço literário desse autor, ou seja, contribuíram para tornar percebíveis as temáticas de seus cordéis (Gomes; Bezerra, [s.d.], p. 3).

Ao nos depararmos com algumas de suas obras, podemos perceber que ele fugia à regra, por exemplo na questão da métrica, e mesclava estruturas, notas, textos externos, dentre outros recursos, pois sempre buscava se reinventar. Narrando questões do sertão, da seca, da religiosidade, da política e de questões sociais, podemos perceber nitidamente o discurso regional nordestino de Manuel Camilo dos Santos em suas obras. Ele teve contato com diversos contextos sociocomunicativos, por toda a sua trajetória de vida (música, arte, teatro, literatura). Além disso, obteve uma grande bagagem de leituras, como a Bíblia, mitos, a história e geografia brasileira e regional, dentre outras referências (Leite, 2023, p. 36).

A sua produção revela domínio técnico da métrica e da rima, bem como sensibilidade social. Em “Viagem a São Saruê”, o autor constrói um espaço simbólico que dialoga com o imaginário coletivo nordestino. A abundância descrita no texto — alimentos em excesso, harmonia social, ausência de sofrimento remete diretamente às ideias utópicas. Além disso, a musicalidade e a regularidade métrica reforçam o caráter encantatório e musical da narrativa, conduzindo o leitor por uma experiência estética que ultrapassa a simples leitura de decodificação.

O cordel “Viagem á São Saruê” (1956) é formado por trinta e três estrofes, sendo trinta e uma estruturadas em sextilha (estrofes de seis versos e sete sílabas poéticas) com rimas X,A,X,A,X,A (rimas presentes nos versos dois, quatro e seis); e ainda tem duas estrofes em “martelo” (estrutura de dez versos, chamados de versos decassílabos, e dez sílabas poéticas), com rimas A,B,B,A,A,C,C,D,D,C.

A narrativa do cordel tem seu ponto de partida na motivação que impulsiona o eu-lírico a empreender sua jornada rumo às terras de São Saruê. Vale destacar que essa voz poética se funde com a figura do próprio autor, Manuel Camilo dos Santos. Ele se coloca no texto como a pessoa que participará dessa aventura. Essa sobreposição de identidades torna-se evidente logo nas estrofes iniciais, nas quais o uso da primeira pessoa corrobora a inserção do poeta como narrador e protagonista de sua própria epopeia.

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: - Você
Camilo, vá visitar
o país 'São Saruê'
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.

Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal 'São Saruê'
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar
(Santos, 2023, p. 1).

Dando continuidade à narrativa, o texto enfatiza a extensa e árdua trajetória necessária para alcançar o destino almejado. A jornada rumo a São Saruê é poeticamente construída como um percurso repleto de obstáculos e provas. A jornada apresenta uma citação às estações do ano e horários do dia. É interessante sempre fazermos o contraponto disso com a região nordeste, que apresenta, de grosso modo, somente inverno e verão, assim essa perspectiva das estações já trazem um conflito com a realidade. Essa complexidade na travessia traz à tona a dificuldade de acesso ao espaço ideal, que serve como um recurso para demarcar o distanciamento geográfico e simbólico entre a dura realidade vivenciada no sertão e a plenitude do mundo imaginado. Dessa forma, a viagem ganha marcas de um verdadeiro rito de passagem, no qual o eu-lírico precisa enfrentar as intempéries do caminho para ser recompensado com a chegada à terra da abundância, São Saruê:

Iniciei a viagem
às duas da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada

Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa

em um mormaço dolente.

Passei do carro da brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins dos horizontes
senti do dia o cansaço

Enquanto a tarde caía
entre mistérios e segredos
a viração docilmente
já fagava os arvoredos
os últimos raios do sol
bordavam os altos penedos.

Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e tomei
o carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia
(Santos, 2023, p. 1 – 2).

Partindo para os conceitos utópicos, o espaço de São Saruê é apresentado como lugar de plenitude e abundância, onde nada faltava. Tudo existia em grande quantidade, e ninguém sofria com a escassez. Ninguém tinha preocupações ou problemas, tudo era festa, harmonia, tranquilidade e alegria. Ao descrever as maravilhas de São Saruê, a narrativa edifica um cenário marcado pela hiperbólica abundância de alimentos. Essa representação da “fartura” atua como uma antítese direta à realidade de privações, fome e sofrimento historicamente enfrentada pela população sertaneja, que sempre foi vítima de exploração desde a época da colonização. Dentro da perspectiva utópica, essa superabundância não se configura apenas como um “devaneio” fantasioso, mas sim como um mecanismo de crítica social. Ao idealizar um espaço onde a escassez é totalmente suprimida e a fome é descaracterizada, o cordelista evidencia, justamente pelo recurso do contraste, as profundas mazelas e as desigualdades materiais do contexto em que está inserido.

Lá eu vi rios de leite
barreira de carne assada
lagoa de mel de abelhas

atoleiro de coalhada
açude de vinho quinado
monte de carne guisada.

As pedras em ‘São Saruê’
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
já maduro e cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despolpado
peru nasce de escova
sem comer vive cevado.

Galinha põe todo dia
em vez de ovos é capão
o trigo em vez de semente
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

(...)

Maniva lá não se planta
nasce e em vez de mandioca
bota cachos de beijus
e palmas de tapioca
milho, a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

As canas em ‘São Saruê’
em vez de bagaço é caldo
umas são canos de mel
outras açúcar refinado

as folhas são cinturão
de pelica preparado
(Santos, 2023, p. 4, 5 e 6).

Ademais, na tessitura desse espaço idealizado, a obra debruça-se sobre as questões da riqueza, da saúde e da finitude da vida humana. Ao projetar um cenário utópico onde as doenças são erradicadas e a velhice cede lugar à imortalidade e à juventude eterna, cria-se um lugar “perfeito”, em que todas as pessoas viveriam para sempre. Essa idealização da cura e da vida eterna estabelece um rico diálogo intertextual com arquétipos clássicos do imaginário ocidental, aproximando-se, estrutural e simbolicamente, de narrativas míticas consagradas, a exemplo da lendária busca pelo Santo Graal:

Tudo lá é bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome e nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

Os pés de notas de contos
carrega que encapota
pode tirar-se à vontade
quanto mais velho mais bota
além dos cachos que têm

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho à vontade
quando sai fora parece
ter 20 anos de idade
(Santos, 2023, p. 5 e 7).

Outro aspecto fundamental que estabelece um contraponto direto com a vivência da população nordestina é a imposição do trabalho exaustivo como via de subsistência. Historicamente, o trabalho braçal, com ênfase nas práticas agrícolas, estrutura a base material dessa sociedade. Na narrativa de São Saruê, no entanto, essa dura realidade é radicalmente subvertida. O cordelista projeta um universo onde a abolição do trabalho não resulta em escassez, pelo contrário, as necessidades são supridas sem a exigência de esforço físico:

O povo em 'São Saruê'
tudo tem felicidade
passa bem, anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro à vontade.

[...]

Tudo lá e bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar

Maniva lá não se planta
nasce e em vez de mandioca
bota cachos de beijus
e palmas de tapioca
milho, a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

As canas em São Saruê
Em vez de bagaço é caldo
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica preparado.

Lá os pés de casimiras
brim borracha e tropical
raiom, brim de linho e cáqui
e da seda especial
já botam as roupas prontas
própria para o pessoal

(Santos, 2023, p. 4-7).

A obra termina com um diálogo do autor, buscando atingir o leitor através de uma negociação direta. Entretanto, o próprio autor estabelece um limite simbólico ao afirmar que só encontrará o caminho quem adquirir o folheto, evidenciando dimensão metalinguística e crítica. Essa perspectiva serve para criar um vínculo entre o emissor (poeta) e receptor (leitor) da mensagem (cordel). O autor deixa claro, ao final, que o lugar era acessível apenas para algumas pessoas, os leitores do livreto. Sobre isso, Abreu (2006, p. 65) compreende que:

Em geral, para atrair compradores, faz-se uma leitura oral (ou uma declamação de memória) do poema, que é interrompida em uma situação de clímax da narrativa, momento no qual o vendedor anuncia que, para saber o final da história, é preciso comprar o folheto.

A utopia, portanto, não é apresentada como realidade concreta, mas como um horizonte imaginário inatingível. O texto sugere que a busca por uma sociedade mais justa é um processo contínuo, ainda que marcado por dificuldades. Ao final, permanece a compreensão de que a utopia é algo “ideal”, que orienta transformações sociais, funcionando como motor simbólico do progresso humano. Ao olharmos para a realidade do Nordeste, essa ideia ganha ainda mais sentido.

Na verdade, o Nordeste possui um grande potencial econômico e cultural, mas várias razões históricas e estruturais atrapalharam o seu crescimento. A concentração fundiária muito alta, onde as terras eram controladas por um pequeno grupo de pessoas dificultou o acesso às terras por parte dos trabalhadores rurais e limitou o desenvolvimento agrícola e econômico. Além disso, há o problema do clima seco por períodos longos, causando impactos consideráveis na agricultura, pecuária e até no turismo. O Nordeste sempre foi uma região de exploração de algodão, açúcar, desde o período colonial. E isso era feito pelo trabalho escravo e exploratório, favorecendo apenas os interesses das elites (Leite, 2023, p. 58).

A região nordestina, frequentemente marcada por estigmas de escassez e sofrimento, é, na sua essência, um lugar feito de sonhos, perspectivas e muita esperança, de um lugar rico e diverso que é capaz de prosperar, mesmo em meio à dura realidade da falta de investimento e de políticas públicas adequadas. O cordel capta exatamente a alma de um povo que não se entrega às dificuldades e que usa a força da imaginação poética para desenhar o seu próprio “São Saruê”, mantendo viva a crença de que um lugar ideal pode ser alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos demonstrar que “Viagem a São Saruê” constitui exemplo expressivo de narrativa utópica na literatura de cordel. A obra articula tradição popular e teoria literária, evidenciando a importância desse gênero literário como uma ferramenta de representatividade, dos anseios e da identidade

cultural do povo nordestino. Concluímos que a utopia, no contexto do cordel, assume caráter crítico e reflexivo, reafirmando a importância da valorização da cultura regional como elemento formador de identidade e consciência social. Esperamos que este estudo contribua para o aprofundamento das pesquisas sobre literatura de cordel e utopia, fomentando novos diálogos acadêmicos na área de Literatura. É fundamental que novas perspectivas sejam abordadas para, assim, possibilitar novos discursos sobre a literatura de cordel.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- ALMEIDA, Átila; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário bibliográfico de poetas populares**. 2. ed., Paraíba: UFPB, 1990.
- ARAÚJO, Sofia de Melo, “Viagem a São Saruê”, de Manoel Camilo dos Santos – algures entre a bobagem e a utopia`. In: E-topia: **Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia**, 2009. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7564.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.
- CARVALHO, Vladimir. **O País de São Saruê** (1979, de Vladimir Carvalho). Youtube, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/yBYHhBhr15U>. Acesso em: 01 de junho de 2023.
- CASTRO, Nei Leandro de. **As pelepas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo**. 5. ed. São Paulo: Arx, 2006.
- CIPRIANO, Maria do S. **Tipografia de cordel na Paraíba: entre o comércio e a poesia**. In: Anais do Simpósio Nacional de História, 27., Natal: UFRN, 2013.
- CLÁUDIO, F.; MARQUES, A. **O país de São Saruê: um correlato da Cocanha medieval no sertão nordestino**. In: Simpósio Nacional de Letras e Linguística, 2., 2011, Catalão. UFG, 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/520/o/24.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *et al.* **Literatura Popular em Verso: Estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; (Rio de Janeiro): Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- FUNCK, Susana B. Feminismo e Utopia. In: **Revista Estudos Feministas**. Vol.1, nº 1, 1993.
- GOMES, Germana G; BEZERRA, Aluska K. A. **O regionalista nordestino nos cordéis de Manoel Camilo dos Santos**. [s.l.: s.n.: s.d.]. Disponível em: <https://encr.pw/gJIXk>. Acesso em 11 de janeiro de 2023.
- ARRUDA, Guilherme Leite. **Utopia No Cordel “Viagem A São Saruê”, De Manuel Camilo Dos Santos**. 2023. 71 f. TCC (licenciatura em Língua Portuguesa) – Curso de Letras, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2023.

MILHOMEM, Tâmara. **Ojuara: do cordel ao cinema**. In: Recanto das Letras, 2021. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/7348187>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MONTENEGRO, Maria do S. M. **Manoel Monteiro: (Re)inventando o cotidiano nas diferentes facetas do cordel**. Curitiba: Appris, 2018.

NUNES, Geice Peres. **A poética de Manoel Camilo dos Santos: um diálogo entre a poesia popular do Nordeste e a literatura culta**. 2014. Tese (doutorado) – Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

REIS, Mírian S. C. **As pelepas de Ojuara: o desafio da alteridade no olhar sobre o sertão**. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. USP, 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/033/MIRIAN_REIS.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2023.

RIBEIRO, Francisco José. **“Viagem a São Saruê”: a idade do ouro e o cordel como gênero de iniciação à leitura para uma turma de EJA. 2020**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Curso de Letras, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2020.

SANTOS, Manuel C. **Viagem a São Saruê**. Juazeiro do Norte: Cordel Veredas, 2023.

SANTOS, Morgana R. dos. **Viagem a São Saruê: o tema da terra em perspectiva semiótico-estilística e dialógica**. In: Caderno Seminal Digital, Rio de Janeiro, v. 28, n. 28, p. 179-213, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://l1nq.com/81EW4>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

SILVA, Gonçalo F. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. 4. ed. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

SILVA, J. A. F. A. **Nordeste: utopias e realidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. **Utopia e distopia no mundo literário**. In: LIEBIG, Sueli Meira; QUEIROGA, Marcílio Garcia de (Orgs). Estudos literários em perspectiva. João Pessoa: Edições Fotograf, 2008.

VIANA, Arievaldo L. **Acorda Cordel na Sala de Aula: A literatura popular como ferramenta auxiliar na educação**. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.